

# HERMENÊUTICA

**Augusto NOVASKI**

Mestrado em Educação - PUC-Campinas

## RESUMO

Trata-se de interpretar a hermenêutica de Ricoeur expondo a questão da origem da hermenêutica e examinando os laços entre Hermenêutica e Fenomenologia

## RÉSUMÉ

Il s'agit d'interpréter l'herméneutique de Ricoeur. L'auteur met en relief la question de l'origine de l'herméneutique et il examine les liens entre Herméneutique et Phénoménologie

É importante fazer aqui algumas observações preliminares a respeito da epistemologia de que se tratará.

A primeira delas é que a hermenêutica aqui abordada é amplamente baseada na obra do filósofo Paul Ricoeur, que em seu livro "O Conflito das Interpretações", estabelece o objeto dessa investigação, seus cânones e exigências, retomando-os em outra obra do mesmo teor, "Da Interpretação - Ensaio sobre Freud". Certamente Ricoeur está na esteira dos que, anteriormente a ele, se debruçaram sobre a hermenêutica: Heidegger, Gadamer, etc, enriquecendo esse campo de investigação com suas contribuições pessoais, principalmente dentro da fenomenologia.

Em segundo lugar é importante ressaltar que, mesmo baseando-se em Paul Ricoeur, há nuances nesta minha abordagem, há detalhes, matizes, arremetidas em direção diferente da que ele propõe; há, quem sabe, até desvios propositais ou não; numa palavra: propus-me fazer uma interpretação da hermenêutica de Ricoeur. Do começo ao fim, sua obra nos encoraja a fazer isso. Aliás talvez seria mais preciso dizer que tento mostrar aqui a relevância da hermenêutica no campo da prática pedagógica, da filosofia da educação, tema que não é especificamente abordado por esse filósofo. Mas sempre inspirando-me em seu pensamento.

Paul Ricoeur, filósofo francês, durante muitos anos ministrou cursos em Paris, em Louvain na Bélgica e na Universidade de Chicago, EUA. Atualmente residindo em Paris, este filósofo tem a grande vantagem, de grande importância nos desdobramentos de sua hermenêutica, de ter como interlocutores a lingüística, o marxismo, o estruturalismo, a psicanálise, a história, com todos eles mantendo um diálogo sempre aberto e conseqüentemente fecundo.

## ORIGEM DA HERMENÊUTICA

Etimologicamente hermenêutica, ou interpretação, deriva de Hermes. A mitologia grega atribuía a esse deus mensageiro alado, a invenção da linguagem e da escrita, instrumentos que o ser humano usa para transmissão e interpretação de mensagens.

São inúmeras as formas e os matizes que o termo ganha ao longo do seu emprego, desde os textos que nos vieram da Antiguidade até os nossos dias. Aristóteles em seu texto "Da Interpretação" reserva o termo hermenêutica para os enunciados da mente que dizem respeito à verdade ou falsidade daquilo que se afirma sobre as coisas. Reserva o termo para os juízos, portanto. Um chamamento, uma ordem, uma solicitação ou uma pergunta, não seriam hermenêutica, mas sim formas derivadas de juízo.

Arrolamos em seguida alguns momentos mais proeminentes do desenvolvimento da hermenêutica, com o intuito de destacar a problemática que a engendra, como também as notas características que diferenciam as diversas abordagens e empregos no que diz respeito ao objeto, ao alcance e aos limites de cada uma<sup>1</sup>.

1. Parece consenso admitir que o significado mais antigo da hermenêutica nos vem da interpretação bíblica. Sem dúvida que foi também o campo mais fértil onde ela vicejou. Prova disso temos que só nesse campo encontramos, cronologicamente, a pré-cristã, a cristã primitiva, a patrística, medieval, da Reforma, a ortodoxa, moderna e contemporânea. Sem nos determos em pormenores, podemos dizer que ela se distingue em: exegese - comentário dos textos bíblicos - e interpretação propriamente dita - tentativa de superar uma distância, de equiparar o leitor a um texto, incorporando o sentido desse texto à compreensão que o leitor pode obter dele mesmo.
2. Com o surto racionalista-iluminista, a hermenêutica bíblica teve que enfrentar o desafio de tornar a Bíblia relevante para o homem racional. Se o seu postulado é a extensão da crítica racional a toda e qualquer crença e conhecimento sem exceção, há que se armar de técnicas de análise bastante mais requintadas, pois trata-se de provar que a Bíblia não veicula nenhuma verdade fora do alcance da razão.

Tais técnicas são principalmente de ordem filológica. A refinada análise gramatical e o compromisso dos intérpretes no conhecimento total do contexto histórico das narrações bíblicas caracterizam esse momento da hermenêutica que poderia ser chamada de filológica. Nesse sentido os intérpretes convinham que os métodos aplicados à interpretação bíblica em nada se diferenciavam dos que se

aplicavam às outras obras ou textos. Há regras gerais, então, de interpretação filológica, e a Bíblia seria um entre tantos outros objetos dessa hermenêutica.

3. Schleiermacher. Esse nome é importante. Diz Ricoeur que é com Schleiermacher e Dilthey que o problema hermenêutico se torna problema filosófico.

Construir uma hermenêutica geral como arte da compreensão foi a tarefa que a si próprio se propôs Schleiermacher, pois para ele esse campo de investigação não tinha se constituído ainda como uma área geral, permanecendo até então como uma pluralidade de hermenêuticas particulares e especializadas. Queria ele, em outras palavras, buscar a unidade fundamental subjacente a todas as interpretações, fossem elas jurídicas, de obras de arte, de literatura, de poesia, cada uma delas com seu instrumental próprio, mas baseadas numa unidade fundamental. O projeto de Schleiermacher consistia em elaborar uma ciência hermenêutica geral, partindo do pressuposto de que toda e qualquer interpretação é tentativa de compreensão; ele postula então que a idéia de compreensão opera de conformidade com leis que devem ser descobertas e que orientem o processo de extrair de qualquer texto o seu sentido.

4. Wilhelm Dilthey é também um nome importante no que diz respeito ao nosso tema. Para ele a interpretação das expressões essenciais da vida humana requer um ato de compreensão histórica que é fundamentalmente diferente da abordagem científica das coisas na natureza: as normas e os métodos de pensar das ciências naturais não podem ser aplicadas ao estudo do homem. Convém ressaltar, entretanto, que para as *Geisteswissenschaften*<sup>2</sup> é a experiência histórica, viva e concreta, que é o ponto de partida e de chegada da interpretação, alijando-se portanto as especulações de seu método.

O sentido a ser compreendido via interpretação e algo histórico, fazendo-nos relacionar o todo e as partes desde um determinado ponto de vista, num determinado tempo, para uma determinada combinação de partes.

5. Martin Heidegger é um outro marco no desenvolvimento da interpretação. Ele mesmo diz que sua filosofia é hermenêutica. Nele ainda a hermenêutica é a teoria da compreensão, mas esta última é definida de um modo diferente: não é uma maneira de conhecer, mas uma maneira de ser. Daí dizer-se que Heidegger faz ontologia da compreensão, sendo esta compreensão ontologicamente fundamental e anterior a qualquer ato de existência, de tal forma que qualquer conhecimento é segundo, subordinado, como uma forma derivada de uma forma originária.
6. Hermenêutica de Paul Ricoeur: Heidegger havia postulado uma ontologia da compreensão. Ricoeur chama a essa ontologia de "via curta", pois refere-se de imediato ao plano da ontologia do ser finito, onde a questão: a que condição um sujeito cognoscente pode compreender um texto ou a história? - é substituída pela questão: o que é um ser cujo ser consiste em compreender? - compreensão não mais como modo de conhecimento, mas como um modo de ser.

Não sem antes render tributo a essa ontologia, Ricoeur propõe uma "via longa", a da epistemologia da interpretação, não propriamente uma solução adversa da de Heidegger, da ontologia da compreensão, mas esta permanecendo como um horizonte daquela ou, em outras palavras, Ricoeur quer chegar a uma ontologia, e não propriamente partir dela. É a sua maneira de fazer o enxerto da hermenêutica na fenomenologia. Via longa, caminho mais contornado, mais laborioso.

Para ir mostrando esses contornos da epistemologia de Ricoeur, seu objeto, seu alcance e limites, bem como suas exigências, dirigirei minha atenção para as respostas a três perguntas:

- por que enxertar a hermenêutica na fenomenologia?
- como fazê-lo ?
- qual o resíduo do trabalho hermenêutico?

Ao longo das respostas irão aparecendo e sendo usados os três conceitos fundamentais dessa epistemologia: o conceito de interpretação, o de símbolo e o de reflexão filosófica.

### **a) Por que enxertar a hermenêutica na fenomenologia ?**

“A interpretação”, segundo Ricoeur, “é o trabalho do pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal”. Se bem que essa definição guarda seu parentesco com a exegese, não se trata aqui, fundamentalmente, de qualquer texto. Já na primeira página de “O Conflito das Interpretações” Ricoeur estabelece qual o objeto dessa epistemologia: a existência. Esse é o texto a ser interpretado.

Mais ainda. Não se trata da noção de uma existência anônima, sem rosto. É a existência concreta de cada um que é o enigma a ser decifrado na reflexão filosófica. E a noção que ele nos traz de reflexão filosófica é forte e funda: “é a apropriação de nosso esforço por existir e de nosso desejo de ser, através das obras que testemunham esse esforço e esse desejo.” Eu diria, mais ainda, que é uma noção comprometedora. Para mim pessoalmente ou a filosofia compromete, ou não deve ser assim chamada, pois ela deve ser uma maneira de viver, de amar e de morrer.

Mas compromete com quê ? Compromete cada um com a apropriação ou reapropriação de si próprio, subentendendo-se aí que somos expropriados a cada momento do nosso desejo de ser. Mas, continuemos: desejo de ser o quê ? Desejo de ser cada vez mais. Mas cada vez mais o quê ? Desejo de ser cada vez mais “si mesmo”.

Existência então é desejo e esforço. O esforço ressalta a energia positiva, e o desejo designa a carência e a indigência da nossa vida. Desejo profundo e infinito do coração humano que Ricoeur, depois de sua “desolação fenomenológica”, diz ser, “antes” mesmo da racionalidade, a marca definidora do humano.

Essa questão da “desolação fenomenológica” fica para mais adiante, quando da abordagem dos subsídios que a hermenêutica busca na psicanálise de Freud. Por enquanto, voltamos ao “objeto” da epistemologia hermenêutica, conforme foi dito acima. Diz Paul Ricoeur em seu 1º parágrafo de “O Conflito das Interpretações”, que quer, ao final de sua investigação, fornecer um sentido aceitável à noção de existência, “um sentido em que justamente se exprimiria a renovação da fenomenologia pela hermenêutica.

Nessa tentativa, ele opta, como dissemos, por uma via longa. É a contrapartida da via curta de Heidegger. Sem desmerecer essa via curta, ela quer aceder gradativamente à noção de existência, aprofundando as exigências metodológicas, da exegese, da história e da psicanálise. Seu caminho, portanto, e mais contornado, mais laborioso. A cada passo ele vai encontrando que o elemento comum a toda interpretação, desde a exegese a psicanálise, é uma certa arquitetura do sentido, que podemos chamar de duplo-sentido ou múltiplo sentido, cuja função é sempre mostrar-ocultando.

Às duas noções - de hermenêutica e de reflexão filosófica - acrescentaríamos a de símbolo, no contexto sempre da obra de Ricoeur. “Símbolo é a estrutura de significação, onde um sentido direto, primário e literal, designa, por acréscimo, outro sentido indireto, secundário e figurado, que só pode ser apreendido através do primeiro.”

Peguemos um texto. Aí há um sentido direto: vem-nos diretamente aos olhos e à mente; há também um sentido primário, pois é o primeiro que nos afeta, é o primeiro que entendemos; e há também um sentido literal, está aí nas letras, nas frases. Mas certamente há neste texto também um sentido indireto nas entrelinhas, e pelo fato de não nos atingir diretamente ele vem depois, somos nós que o “elabo-

ramos”, sendo portanto uma “figura” que arquitetamos em nossa cabeça, talvez não tendo sido intenção do autor transmiti-la.

É bom sempre ressaltar que não há apreciação de valor quanto ao sentido direto, primário e literal, em relação ao indireto, secundário e figurado. Grandes autores nos inspiram mais nas entrelinhas do que nas linhas...

Transportando esses esquemas de caráter lingüístico para a hermenêutica fenomenológica, Ricoeur quer nos dizer que a existência de cada um de nós é um texto. Aliás, é o texto que urge interpretar<sup>3</sup>. Como assim ? Qual é o sentido direto, primário e literal; qual é o indireto, secundário e figurado, que ocorre tal como ocorre, em outro registro, na interpretação de um texto escrito?

É a consciência imediata, é o cogito que vão nos fornecer o que somos. E o que nos fornecem e o sentido direto, primário e literal. Armado da suspeita psicanalítica, Ricoeur constata que esse pode não ser “o sentido” da nossa existência. Pode ser que sim. Mas há aí uma cunha, a cunha da suspeita. Séculos e mais séculos de tradição mostraram que o cogito - que Ricoeur assimila à consciência imediata - é a razão que deveria mostrar a veracidade do real, no caso específico, a veracidade sobre mim mesmo: eu sou aquilo que penso que sou!

Vejamos este trecho extremamente significativo de “O Conflito das Interpretações”: “Para quem foi formado pela fenomenologia, pela filosofia existencial, pela renovação dos estudos hegelianos e pelas investigações de tendência lingüística, o encontro com a psicanálise constitui um enorme abalo. Não é esse ou aquele tema da reflexão filosófica que é atingido e questionado, mas o conjunto do projeto filosófico. O filósofo contemporâneo encontra Freud nas mesmas paragens que Nietzsche e Marx. Todos os três se apresentam diante dele como os protagonistas da suspeita, os perfuradores de máscaras. Nasceu um problema novo: o da mentira da consciência, da consciência como mentira. Esse problema não pode permanecer um problema particular entre outros, pois o que está posto

em questão, de modo geral e radical, é o que nos aparece, a nós, bons fenomenólogos, como o campo, como o fundamento, como a origem mesma de toda significação, ou seja, a consciência.

É neste sentido que Ricoeur vai nos dizer que a filosofia não pode ser a mesma depois da psicanálise, mesmo que esta não seja uma disciplina filosófica. Marx, Nietzsche e Freud nos ensinaram a desmascarar os ardís da consciência pretensamente imediata. “Depois de Freud”, diz ele, “não é mais possível estabelecer a filosofia do sujeito como a filosofia da consciência. Reflexão e consciência não coincidem mais. Deve-se perder a consciência para encontrar o sujeito. O sujeito não é mais o que se acredita. A apoditicidade do cogito não pode ser atestada sem que seja, ao mesmo tempo, reconhecida a inadequação da consciência”.

Uma filosofia, como é o caso da fenomenologia, que se instrui na psicanálise, tem que armar-se de uma boa dose de modéstia e correr o risco de ficar com alguns flancos desguarnecidos diante das investidas de Freud. Creio que o alento que anima essa modéstia é o fato de ambas estarem à busca do mesmo intento, qual seja, o de que as pessoas sejam um pouco mais livres e, se possível, um pouco mais felizes. Esse é o designio mais alto de todas disciplinas hermenêuticas, filosóficas ou não.

Trata-se aí de uma descentralização. O cogito perdeu seu centro de gravidade, isto é, o sentido da existência tem que ser buscado em outras instâncias que não sejam só a consciência imediata. A hermenêutica, abeberando-se na psicanálise, vai distinguir dois momentos no cogito ou na consciência como origem do sentido: o da apoditicidade e o da adequação. Concerne ao primeiro o fato de ser irrefutável a minha existência no ato de refletir. Mesmo na dúvida é irrecusável essa certeza. Mas isso não legitima a adequação que se estabelece entre o que sou e o que penso que sou. É nesse sentido que Ricoeur vai nos dizer que o famoso cogito cartesiano, que se apreende diretamente na prova da dúvida, é uma verdade tão vã quanto invencível.

“Sou”, diz Ricoeur, “mas o que sou, eu que existo? Eis aí o que não sei mais. Em outros termos, a reflexão perdeu a segurança da consciência. O que sou é tão problemático quanto é apodítico que existo.”

Com isto queremos dizer que o sentido, ou os sentidos da existência, não devem ser buscados tão somente na consciência imediata. A hermenêutica compele-nos a “recuar” a uma arqueologia, onde encontramos o arcaico, o escondido, o primitivo: o inconsciente. Exista ele ou não, o fato é que a interpretação exige aquela suspeita sábia de todo o que desenvolve a reflexão filosófica: a suspeita de que não possuo inicialmente o que sou, não sou dono da verdade. É por isso que, na esteira da psicanálise, Ricoeur vai dizer que a consciência não é um dado, é uma tarefa. E também é por isso que sua noção de reflexão filosófica começa com o termo “(re)apropriação”. Reaproprio-me do que me expropriam meus recalques, meus desejos inconscientes, as ideologias sempre sorrateiras, os sistemas de vida que me fazem ser cada vez menos.

Ao final deste item a), depois de termos visto as noções de hermenêutica, de símbolo e de reflexão filosófica, há condições de ser respondida a primeira pergunta: por que enxertar a hermenêutica na fenomenologia?

É porque a existência - “objeto” da hermenêutica de Ricoeur, é dotada de teor simbólico. A consciência imediata me registra o sentido direto, primário e literal de mim mesmo. Mas ela não é a única instância; há outras, concernindo à interpretação a tarefa de buscar nessas outras os sentidos que escapam à primeira.

## **b) Como enxertar a hermenêutica na fenomenologia?**

Sem mais delongas, diria em primeiro lugar que isso se faz por uma imersão sem reservas na própria existência, entrando de corpo inteiro nessa região onde o ato de existir deveria se ligar indissolivelmente com as nossas obras ou ações. Ricoeur diz que

devemos entrar numa relação apaixonada, mas ao mesmo tempo crítica com os símbolos da nossa vida: nossas ações - dotadas de um sentido direto, primário e literal, mas também de um sentido indireto, secundário e figurado, que só pode ser apreendido pelo primeiro. O termo "apaixonada" tem aí uma densidade semântica bastante significativa, já que comporta duas acepções: paixão e arrebatamento, mas também sofrimento. Nesse sentido é fascinante e arrebatadora a filosofia da subjetividade, mas também doida quando o sujeito e o objeto dessa investigação sou eu próprio, é cada um de nós individualmente. E é por isso, repetimos, que Ricoeur diz que a reflexão filosófica é esforço: esforço sadio, sereno, como compete ao bom filosofar.

Parece que aqui residem o comprometimento radical e as dificuldades que diferenciam a hermenêutica filosófica de qualquer outro tipo de investigação. O comprometimento é exigência do desejo de autenticidade, e as dificuldades advêm do esforço da consciência em despojar-se de seu narcisismo, despossuir-se como única origem do sentido e partir para a tarefa de tornar-se cada vez mais consciência. É a "conscience élargie" de que também nos fala Jean Ladrière.

Aqui encontramos uma outra maneira de incluir a hermenêutica na reflexão filosófica. Com efeito, se se trata, no que diz respeito à consciência, de despojar-se, é porque algo foi denunciado, contestado, desmascarado e destituído: a consciência como lugar incontestado da subjetividade. Esse é o aspecto "negativo", diríamos, da hermenêutica. A seu lado, entretanto, há a outra face, positiva desta vez, da hermenêutica, que aponta para a existência como desejo e como esforço. Se assim não fosse, como explicar esse sentimento indefinível, mas maciço, que é o desejo de ser inteiro, de bastar-se a si mesmo, essa nostalgia de si, irracional talvez, pois refere-se a um estado de posse absoluta que nunca houve? Por que esse desejo de fusão total consigo mesmo, terra prometida por todas filosofias, e promessa que nunca se cumpre?

À guisa de parênteses, poderíamos ouvir Nietzsche em "Ecce homo. Como tornar-se o que se é ":

“Sozinho vou agora, meus discípulos! Também vós, ide embora e sozinhos! Assim quero eu.

Afastai-vos de mim e defendei-vos de Zaratustra!  
E, melhor ainda, envergonhai-vos dele! Talvez vos tenha enganado.

O homem do conhecimento não precisa somente amar seus inimigos, precisa também poder odiar seus amigos.

Paga-se mal a um mestre, quando se continua a ser mero discípulo.

E por que não quereis arrancar minha coroa de louros ? Vós me venerais, mas e se um dia essa veneração desmoronar? Guardai-vos de que não vos esmague uma estátua!

Dizeis que acreditais em Zaratustra? Mas que importa Zaratustra? Sois meus crentes, mas que importam todos os crentes!

Ainda não vos havíeis procurado: então me encontrastes. Assim fazem todos os crentes; por isso importa tão pouco toda crença. Agora vos mando me perderdes e vos encontrardes; e somente quando me tiverdes todos renegado eu retornarei a vós...

Esse parêntese foi para realçar o que Ricoeur fala relação ao desejo e ao esforço. Vejo nesta citação de Nietzsche o mesmo alento com que Ricoeur, com voz infatigável fala da “paixão pelo possível” e da coragem histórica. É preciso renunciar ao saber absoluto, venha ele de onde vier, e enfrentar as incertezas do sentido da história, munidos de certa desconfiança em relação ao ceticismo, ao fanatismo e até em relação ao meio termo, o voluntarismo. Contra o primeiro recuso-me ao olhar turvo e oblíquo que em nada vê sentido; contra o segundo recuso-me a imprimir prematuramente sentido a algo e só nisso acreditar; contra o terceiro recuso-me a dizer que basta armar-se de boa vontade e tudo será resolvido. O tempo é de debate,

de discernimento, de espera. E, principalmente, de esperança. Isso é uma afirmação originária.

Creio que a filosofia hermenêutica exige uma convicção muito firme por parte de quem a pratica: há que acreditar nessa afirmação originária. Essa, em outras palavras, a face positiva da filosofia hermenêutica, a animar por dentro a tarefa de desmascaramento, dando sentido e vibração a essa última. A filosofia, nos diz Sócrates, nos deve fornecer razões mais claras de viver. Essa convicção, a meu ver, se robustece na medida em que nela se buscam também razões melhores de vida. Essa é a “arte” filosófica: tornar a vida, não só tolerável, mas, se possível, e o é, mais feliz.

**c) Entro agora na terceira questão que me interpelava no início: qual o resíduo da hermenêutica ?**

Colocando isso em seus devidos termos, quero com ela buscar o que fica, qual o resultado, depois do trabalho da interpretação. Sem mais delongas eu adiantaria a resposta, dizendo que o que fica, ou melhor, o que deve ser buscado é uma consciência de si menos centrada sobre o egoísmo do Ego, educada pelo princípio da realidade, pela “Ananké”, e aberta a uma verdade sem ilusão, como nos diz Ricoeur.

Para mim o que fica, depois da interpretação, e essa abertura, à maneira de esforço, de disponibilidade e de compromisso. Esforço por descobrir novos sentidos para o viver, disponibilidade criteriosa para “ouvi-los”, de onde quer que venham, e compromisso em assumi-los. Se o cogito foi desalojado de sua posição apodítica, e se o que vai ser interpretado só se mostra no desenvolvimento do trabalho hermenêutico, então a categoria mais condizente é a do “ainda” e do “ainda não”: ainda há mais sentido, ainda há mais a ser dito, ainda não sei tudo ... Seria isso um critério de ação ? Prefiro dizer que é uma idéia reguladora, pois se o sentido do viver só se dá na interpretação, e esta está sempre se pondo a caminho, então uma

consciência que assume o compromisso de tornar-se cada vez mais consciência só poderia entrever, no final, que a sua verdade consistirá sempre na busca da verdade.

## NOTAS

- (1) Para uma abordagem mais detalhada do desenvolvimento da hermenêutica, ver Richard E. Palmer, "Hermenêutica", Livraria Martins Fontes, São Paulo
- (2) Etimologicamente Geistes = espírito, e Wissenschaften = ciências. Ciências do espírito ou, mais difundido, ciências que tratam do ser humano.
- (3) Nesse sentido ele é incisivo: "... toda hermenêutica é, explícita ou implicitamente, compreensão de si mesmo (grifo meu) mediante a compreensão do outro".